

idólatra y contrario a las leyes de Dios (*De spect.* I-IV), y por su impudicia e inmoralidad corruptora del vulgo. Lo que interesa de este testimonio es que se trata de un testimonio histórico indirecto de gran importancia sobre la naturaleza de los espectáculos en época de Tertuliano (s. II d. C.). El moralista, pues, para atacar con más ahínco los espectáculos antiguos e incitar a sus aleccionados a renunciar a ellos, declara que expondrá todo aquello que tiene que ver con estas manifestaciones (orígenes, patronazgo, ceremonias, lugares, tipo de representaciones, técnicas). De esta exposición destacamos la diatriba contra los espectáculos dramáticos (*De spect.* XVII, XXIII, 3-6; pp. 342-345, 354-355), de los que resalta su impudicia corruptora. En suma, lo que obtenemos es el valioso testimonio indirecto de una información que se perdido en el tiempo o que conservamos de manera muy fragmentaria; por lo que su inclusión en esta antología y su situación como colofón resulta especialmente provechosa.

VIVIAN LORENA NAVARRO MARTÍNEZ  
Universidade de Coimbra-Universitat de València  
vilona@alumni.uv.es  
orcid.org/0000-0001-9439-1484  
[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_7](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_7)

COELHO, Maria Helena da Cruz, e REBELO, António Manuel Ribeiro, *D. Pedro e D. Inês. Diálogos entre o Amor e a Morte. “Sermão das Exéquias de D. Inês de Castro” de D. João de Cardaillac*. Edição crítica, tradução e comentário filológico, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, 117 pp. ISBN: 978-989-26-1159-4

Recensão submetida a 20-12-2017 e aprovada a 04-04-2018

Este gracioso volume, este *lepidum libellum*, apresenta, a envolvê-lo em toda a capa, a reprodução da pintura *O grande desvaio* de Acácio Lino de Magalhães (1920), imagem apelativa, na sobriedade e finura de tons, onde figuram os principais motivos do drama inesiano que informam o “Sermão das Exéquias de D. Inês de Castro”.

Abre esta obra Maria Helena de Cruz Coelho com um estudo histórico e ideológico de grande profundidade e beleza estética: “D. Pedro e D.

Inês: diálogos entre o Amor e a Morte” (p. 9-38). Nele se analisa o elogio fúnebre, proferido em 1361 pelo Antiste bracarense D. João de Cardaillac, em Alcobaça, na famosa trasladação de Santa Clara de Coimbra para este mosteiro “daquela mísera e mesquinha/ que depois de morta foi rainha”, no dizer de Camões. O Arcebispo Primaz de Braga, a figura de maior relevo na hierarquia eclesiástica nacional, vai usar argumentos religiosos e jurídicos que se entrelaçam numa intenção vincadamente política: a confirmação do casamento de D. Pedro e D. Inês. Na voz do prelado, este casamento, ao adquirir realidade factual que transcende a crítica histórica, permite o enaltecimento da figura de Inês, que ascende em dignidade e em virtude aos olhos dos homens e de Deus, que a acolhe já nas alturas do Céu. Perito na *ars praedicandi* medieval, assenta o Arcebispo de Braga em *exempla* veterotestamentários, em Abraão e Sara, toda a dialéctica do seu discurso demonstrativo e laudatório. A análise retórica e filológica deste Sermão de Exéquias, em que a palavra e a perícia argumentativa estão ao serviço da intenção final do seu autor, será objecto de estudo de António Manuel Ribeiro Rebelo, na segunda parte desta obra. Para impressionar os mais altos dignitários da corte e do reino que D. Pedro convocara, talvez mesmo compulsoriamente para a cerimónia da trasladação (p. 17), apela o Arcebispo, na sua pregação em Alcobaça, à sua sabedoria de membro do alto clero, e estriba recorrentemente o seu curto elogio fúnebre em citações bíblicas e nos Doutores da Igreja. O *paragon* de Pedro com Abraão que escondera o seu casamento para evitar a ira de seu pai, como o “pai dos crentes” o fizera para evitar a ira do faraó do Egipto, permite ainda ao pregador debruçar-se sobre o acto sublime protagonizado por um rei de sepultar a esposa, numa nobre e magnificente cerimónia. E todo um exórdio desenvolve os profundos conhecimentos do Prelado sobre as motivações mais profundas e o sentido da ritualidade de cada povo na veneração dos mortos. É de salientar o estudo exaustivo que António Rebelo dedica às fontes usadas pelo Antiste, neste particular (p. 85). A partir do exórdio, a segunda parte da alocução fúnebre continua a desenvolver o tema “sepultar”, no seu tríplice sentido, apoiando-se na Sagrada Escritura: a sepultura do carácter, no véu dos costumes; a do corpo, no pó da terra; e a da alma, no extremo dos céus. Com um vivo sentido poético, D. João de Cardaillac faz um fervoroso convite à moral e aos bons costumes e à renúncia da vaidade e glórias mundanas, com uma finalidade soteriológica (p. 19). Toda a argumentação conflui no *exemplum* da boa morte de Inês, pelo que está sepultada “na casa do paraíso celeste”. Este erudito sermão adquire um outro redimensionamento e projecção, no diálogo perfeito entre a palavra

e a pedra, que Maria Helena da Cruz Coelho analisa de forma primorosa, dando a admirar o jacente de uma rainha identificada e admirada, D. Inês: «o cenário da *uia crucis* de Cristo, desde o Nascimento ao Calvário, numa sacralização da sua última morada pela comunhão do sofrimento redentor e morte inocente da Infanta com o sofrimento e a paixão salvífica de Jesus. Sacrifício terreno que se compensava com a glória de desfrutar, já nas alturas celestiais, a visão apocalíptica do Juízo final, modelado aos pés do seu monumento fúnebre». Assim eram legitimados, celebrados, sacralizados os amores de Pedro e Inês. «Duplamente redimidos. Pela memória do verbo, pela memória da pedra. Ontem e até ao fim do mundo» (p. 38).

A segunda parte deste volume, que fundamenta e enriquece a primeira, é o estudo de António Manuel Ribeiro Rebelo. Inicia-o a reprodução em “Fac-símile do Ms. Lat. N.º 3294, fls. 211-213 da Biblioteca Nacional de Paris” (p. 39-46), a que se segue uma rigorosa “Edição crítica”, acompanhada de uma elegante “Tradução” (p. 47-75). Estas são precedidas de uma breve introdução que, além da história da transmissão do manuscrito, faz referência a diferentes lições, designadamente a de Salvador Dias Arnaut, que é qualitativamente superior à lição de Sérgio da Silva Pinto, que lhe é posterior, figurando as duas variantes no aparato crítico. A tradução do “Sermão de exéquias de D. Inês de Castro”, além da sua qualidade estética, é acompanhada de comentários pertinentes que elucidam o leitor sobre a lição seguida, e sobre aspectos culturais e literários indispensáveis a uma perfeita compreensão do texto. Por último, o “Estudo Filológico” (p. 75-110) de grande folgo, que revela a mestria de António Rebelo em analisar este Sermão sob o ponto de vista retórico, literário e ideológico, pondo em relevo a cultura e a eloquência de D. João de Cardaillac, Arcebispo de Braga, Doutor em Leis da Universidade de Toulouse, orador oficial da corte pontifícia – que pronunciou o elogio fúnebre do Papa Clemente VII, o elogio de Inocente VI, na sua entronização, e mais tarde o elogio fúnebre de Urbano V. De reconhecer ainda a clareza e a concisão de António Rebelo, quando analisa os diferentes recursos retórico-estilísticos da homilética e da parenética, diluindo a erudição num discurso pregnante, sem sobrecarga de elementos impeditivos de uma leitura agradável.

Termina este volume um índice de imagens e créditos fotográficos das diferentes gravuras, disseminadas ao longo de todo o volume (p. 111-112) e uma Bibliografia actualizada e especializada (p. 113-117).

O tema desta obra que legitima e sacraliza os amores de Pedro e Inês – tema da idiosincrasia nacional portuguesa – conhece uma perfeita articulação

no seu tratamento por dois autores diferentes, que se complementam na sua especificidade própria, uma historiadora e um classicista, reputados professores da Universidade de Coimbra. Uma mais valia a acrescentar ao seu reconhecido mérito.

O interesse deste volume abrange tanto os especialistas como o leitor comum.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

[ncastrosoares@gmail.com](mailto:ncastrosoares@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5555-2564>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_8)

GONZÁLEZ PONCE, F. J., GÓMEZ ESPELOSÍN, F. J. y CHÁVEZ REINO, A. L. (eds.), *La letra y la carta. Descripción verbal y representación gráfica en los diseños terrestres grecolatinos. Estudios en honor de Pietro Janni*, Sevilla, Universidad de Sevilla. Universidad de Alcalá, Monografías de GAHIA 1, 2016, 376 pp. ISBN: 978-84-472-1835-6.

Recensão submetida a 11-01-2018 e aprovada a 12-03-2018

O volume de homenagem ao Prof. Pietro Janni surge numa época em que se renovam os estudos sobre a geografia antiga. A obra, cuja edição foi encargo das universidades de Sevilha e de Alcalá de Henares, tem sóbrio aspeto gráfico, resultando de um projeto de I&D desenvolvido pelos coordenadores do volume, o primeiro de uma série tutelada pela recentemente criada rede internacional de investigadores GAHIA (*Geography and Historiography in Antiquity*). Conta com contributos de 18 autores, representando maioritariamente instituições universitárias de Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos da América, Israel e Federação Russa, utilizando cinco línguas como meio de expressão, o que me parece um exemplo de como se podem editar projetos internacionais sem recorrer obrigatoriamente à língua inglesa, reservando um lugar destacado a três línguas latinas, castelhano, francês e italiano. O volume divide-se em quatro secções bem definidas: I – *Letra vs. carta: presupuestos básicos*; II